

Waller Gomes

FATOS E BASTIDORES

Campanha hipócrita contra o Congresso

Mais do que uma tentativa de mostrar o lado moralista de um momento da história brasileira, a campanha contra o Congresso Nacional tem uma finalidade bem mais ampla. Ao denegrir o Parlamento, o coro da insensatez entoa canções para embalar a descrença da sociedade na classe política.

Não são canonizados os parlamentares brasileiros, mas, também, estão longe de ser o demônio que a repetida catilinária tenta retratar. Há os bons, os sofríveis e os maus congressistas, da mesma maneira que a adjectivação pode ser usada para qualificar médicos, advogados, militares, jornalistas, atletas, artistas, engenheiros, operários e religiosos.

O movimento está muito bem estruturado. Nele, provavelmente, estão envolvidas talentosas cabeças atuantes na área da comunicação social. Claro que, também, há financiadores dessa operação farisaica. Difícil é saber-se a origem dos recursos, mas não estará longe da verdade quem apontar como suspeita a fonte geradora do dinheiro.

É solerte o que vem sendo feito para desacreditar o Poder Legislativo, instituto básico da democracia. Como quem comete a insidia é gente de alta qualificação intelectual, o motivo da campanha está bastante claro: desestabilizar as instituições e, assim fazendo, criar o clima propício para o golpismo. Se partisse de pessoas simples, poder-se-ia imaginar que se tratasse, apenas, da irritação da sociedade com os equívocos que são cometidos em seu nome.

É muito importante que se ponha, de imediato, a campanha presidencial da República nas ruas. O debate envolverá o povo e os ressentimentos das elites hipócritas, por conta das definições da Assembleia Nacional Constituinte, terão menos espaços nos veículos informativos (nem sempre).

O Congresso Nacional é a cara da sociedade brasileira. Portanto, os incautos que se cuidem. Fiquem longe dessa operação de autofagia. É preciso muito cuidado para não fazerem o jogo do estamento que é contra o livre debate das idéias e se esconde no falso moralismo.

Ai de nós se não zelarmos pelo nosso Parlamento, que é a nossa voz.